

Entrevista com **Edson Passetti**, professor do Departamento de Política e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP e coordenador do Núcleo de Sociabilidade Libertária (NU-Sol).

**1) Em algumas entrevistas, o senhor disse que estamos em uma sociedade de transição entre a disciplinar e a de controle. Como se caracteriza cada uma delas? Que características de cada uma vemos na sociedade atual?**

Em poucas palavras, a sociedade disciplinar, das fábricas, escolas, prisões, hospitais, que operava por controle descontínuo está desaparecendo. Em cada um daqueles espaços havia um controle similar do território e das pessoas que ali habitavam. Delas se esperavam obediência, produtividade e quase nenhuma resistência. Todavia, quando saíam para o espaço público (nas ruas, avenidas, esquinas...) encontravam outros indivíduos insatisfeitos, isolados ou agrupados em associações; a eles se juntavam e davam forma às resistências às disciplinas e aos governos por meio de mobilizações capazes de inventar uma nova existência. Isso era insuportável à ordem por trazerem insurreições e revoluções. Todavia, na atual sociedade, os controles a céu aberto são contínuos e vão do trabalho, ao estudo, ao lazer, à política, ao andar pelas ruas vigiadas eletronicamente, sob domínio de polícias e tráficos... a uma existência computo-informacional. Não sobram mais espaços para agitar desgovernos. Por isso mesmo, os principais controles dessa sociedade acontecem por meio de direitos de minorias que pretendem ser majoritários na política representativa e, ao mesmo tempo, participativos nas tomadas de decisões pontuais. A sociedade disciplinar normalizava condutas; a de controle a supera: medica para obter uma normalização aperfeiçoada do normal, como maneira de educar para a participação, segundo uma utopia conformista fundada na supressão das resistências.

**2) É possível haver democracia dentro da sociedade neoliberal em que vivemos?**

A sociedade atual busca institucionalizar a democracia representativa e participativa como realidade e utopia. Em função disso até a ditadura do proletariado chinesa está se acomodando para perpetuar sua continuidade. Hoje em dia, os especialistas se adiantam para dizer que o neoliberalismo acabou ou está em vias de acabar. Isso pouco importa. O capitalismo na sociedade de controle é um investimento político inibidor de resistências; qualquer deslocamento para exigir mais ou menos atenções sociais do Estado apenas atualiza seus contornos discursivos.

**3) Como pode ser vista a questão da discriminação racial dentro dessa sociedade?**

Ela opera por dois fluxos. No primeiro estão os direitos de minorias que garantem uma específica participação de setores até então abertamente discriminados e que passaram a se organizar pelo dispositivo de elites (mulheres, pretos, gays, deficientes...). O outro fluxo, absorve esta pletera de direitos e distribui as minorias no âmbito político majoritário representativo e participativo, fazendo-as funcionar como apoios e complementos às elites econômicas, gerenciais, culturais, militares, políticas. Assim, os dispositivos de direitos acabam acoplados aos repressivos, emergindo desde políticas afirmativas associadas a uma moral penalizadora; ampliada até programas de seguranças para comunidades vigiados e controlados por elas mesmas. Estranhamente, tanto as comunidades como os grandes condomínios passam a funcionar como campos de concentração. Os direitos de minorias funcionam como faca de dois gumes, que corta de ambos os lados, que corta quando parece proteger:

asseguram para punir, separam para incluir, organizam para controlar. Incluem mesmo discriminando; eis uma novidade.

**4) Qual o papel do Estado na reprodução de subjetividades e, especificamente, do racismo? E o papel da mídia?**

Não há racismo sem Estado, seja para exterminar como no nazismo, seja para fazer produzir como no socialismo soviético, seja para se administrar *identidades* como na sociedade atual. Repetem-se técnicas de controles do campo de concentração. O controle das populações, numa economia constantemente reterritorializada e que permite fluxos ampliados de trânsitos de trabalhadores, permanece fundamental para segurança transnacional de Estados e empresas. A mídia, por sua vez, dinamiza o funcionamento dos direitos como faca de dois gumes: expõe, descreve, julga, executa por meio do documentário, da reportagem *ao vivo*, dos anchormen e anchorwomen, das preparações para programas culturais e de entretenimento. Ninguém se diz racista, mas sempre conhece alguém racista. As pesquisas e nossas vidas mostram isso. E se a solução do nazismo foi o extermínio, do socialismo autoritário a prisão perpétua, a da sociedade de controle democrática é punir, encarcerar ou aplicar penas alternativas e serviços à comunidade. Ainda se crê que se supera o racismo com punição.

**5) Como o senhor acha que seria possível combater o racismo dentro dessa sociedade?**

Isso é uma prática de pessoas livres. Não há mais lugar para o intelectual-profeta e seus asseclas, que dizem como deve ser e fazer para comandar com rigor a fé do movimento. É preciso estar atento para a disseminação de práticas fascistas e combatê-las; é preciso inventar formas à impaciência da liberdade.